

Fotoescrivências de Um Corpo no Mundo: Um Ensaio Sobre Masculinidades Negras que Desfazem Gênero¹Pablo Capistrano²Helen Campos Barbosa³

Universidade do Estado da Bahia, UNEB Campus XIV

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir e tencionar imaginários que desestabilizam as masculinidades normatizadas, naturalizadas especialmente aquelas constituídas desde os binarismos de gênero. Com o recorte nas masculinidades negras desviantes, o estudo utiliza a escrivência (Evaristo, 2020) e a fotoescrivência (Neres, 2021) enquanto metodologia e conceitos norteadores. O objetivo aqui é amadurecer a proposta de pesquisa em estágio inicial onde a proposta é contar as histórias arquivadas nesses corpos, a partir de uma produção de um álbum fotográfico experimental propondo a remontagem imagética de suas memórias de (re)construção de si ao fugirem dos padrões (cis)heteronormativos.

PALAVRAS-CHAVE: fotoescrivências; fotografia experimental; masculinidades negras; gênero e sexualidade; raça.

“Homem não chora”, “homem não se cuida”, “homem não limpa o que sujou”. Essas frases são discursos que muitos homens escutam e reproduzem desde sua infância e naturalizam o “ser” homem. As masculinidades são características e comportamentos associados aos homens em suas culturas sociais e muitas vezes estão associadas ao físico, emocional e o psicológico. Helen Campos (2016) traduz a ideia de Judith Butler quando ela afirma que as construções de gênero se dão a partir da reiteração de atos performados, o que ela chama de “performatividade”. “A autora considera gênero como uma categoria analítica importante para pensar relações de poder nas relações sociais

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamentos Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social - Rádio e TV, pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB, campus XIV, e-mail: pablocapistranogmss@gmail.com.

³ Professora do Curso de Comunicação Rádio e TV da UNEB - Campus XIV, e-mail: helenjornalismo@gmail.com.

fugindo de um dualismo homem-mulher a partir da noção de “performance de gênero” (Barbosa, 2016).

Os estudos de Berenice Bento (2002) ao tratar da construção de gênero em corpos trans, afirma a existência do “dispositivo da transexualidade”, que pode ser observado na intervenção médica que atua, invariavelmente, no sentido de restabelecer a heterossexualidade supostamente perdida ou ameaçada” (BENTO APUD Pereira, 2006, p.471). Assim, Reforçando a ideia de que existe uma “normalidade” heterossexual como métrica a ser alcançada, ignorando a pluralidade desses corpos, e que acaba limitando as expressões de gênero, já que a ideia de heteronormatividade é considerada pela sociedade o ideal a ser seguido. Dessa maneira, “Os corpos-homem e corpos-mulher parecem perder as amarras biológicas e se reinventam continuamente, fazendo-nos questionar se são adequados realmente os termos homem-mulher, alocados em justaposição ao vocábulo corpo” (Pereira, 2006)

A definição do que era ser homem encerrava-se numa polaridade negativa (não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual) [...] e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família) na constituição dos traços e papéis sociais. (SILVA, 2006).

A masculinidade é uma construção também cultural e local, fazendo um recorte de raça, falar sobre a masculinidade negra traz o entendimento de que há uma cobrança ainda maior quanto a esses corpos, sobretudo por estar atravessado por um imaginário racista que tende, especificamente quando se fala em sexualidade, a colocar os corpos de pessoas negras, de modo hiperssexualizado, o fixa a ter um grande pênis e ser “bom de cama”, criando-se assim a ideia de um corpo-objeto. Este processo de hiperssexualização dos corpos de homens negros vem desde a escravização, quando esses corpos serviam para saciar o desejo da casa grande. Podemos observar “uma marca do preconceito racial no imaginário social, a exemplo de filmes pornôns onde o homem negro é valorizado a partir do tamanho de seu órgão sexual, bem como a mulher negra “fogosa” e “boa de cama” em propagandas televisivas e programas televisivos” (Barros *et. al.* Barreto, 2018). Consequentemente, esses estereótipos acabam levando o corpo preto a alguns caminhos, sendo um deles a sexualização.

Nesse contexto, cabe questionar em que medida a fotografia experimental pode tencionar esses imaginários desde um novo olhar para as expressões artísticas e para criação de narrativas quanto aos corpos negros com gênero e sexualidades desviantes da (cis)heteronormatividade. Desse modo, falar de masculinidade em um álbum a partir das fotoescrivências (2021) é trazer uma nova narrativa sobre/para os corpos de pessoas negras, na qual muitas vezes são retratados em um lugar de marginalização, criminalização e desumanização. Definir a fotografia experimental/alternativa no mundo da arte é algo de incerteza, pois há diversas possibilidades de enxergar e fugir do óbvio e do convencional, assim, debruçar-se sobre a arte experimental, é romper as barreiras e os limites da fotografia tradicional e canônica, visto que, fazer algo diferente do que é considerado “comum”, “bonito” e “certo” é um passo significativo para se expressar criativamente e politicamente, pois meu posicionamento e olhar também é político.

Problematizar as visões unilaterais sobre pessoas, culturas e corpos, geralmente pré-estabelecidas e equivocadas, é assim recriar a produção de conhecimento sobre o tema. A arte comprometida com as questões sociais é para Leandro Colling (2016) um artevismo que precisa estar a “serviço de políticas para que as pessoas respeitem, reconheçam e aprendam com as múltiplas sexualidades e gêneros existentes em nossas sociedades” (COLLING, 2016). “Desfazer concepções binárias, dicotômicas, naturalizadoras e normatizadoras sobre os gêneros se transforma, assim, em um propósito epistemológico/político”. A princípio, a noção de fotografia experimental e o uso das técnicas manuais possibilitam meios de expressão criativos que extrapolam os limites canônicos da imagem. Desse modo, são bem-vindas as interferências estéticas, os “erros” e ruídos, pois estas colaboram para a compreensão das imagens como ato político. A opção pela produção de imagens experimentais como arte, oferece outras possibilidades de fotografar. O processo criativo na fotografia engloba não só a composição da cena de uma foto, como os recursos usados para captura e impressão (Vieira, 2023).

A pesquisa em fase inicial de desenvolvimento busca abordar ângulos da experimentação rompendo com o que é considerado “normal”. Corpos negros que fogem do que é ser considerado masculino e viril já rompe com os padrões de uma sociedade preconceituosa.

A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, conjurando a heterossexualidade como modelo normativo único e constitutivo das subjetividades da maioria dos homens. (Silva, 122).

Por isso, vejo esse álbum como um ato político, no que Wanderlei (2021) concebe como discurso visual poético:

Atualmente, essas questões indicam a consolidação de estéticas, em que irregularidades, ruídos e marcas visuais da experimentação são assumidos e reconhecidos não como um gesto formalista vazio, mas como vetores de uma postura crítica no uso dos dispositivos. Além de ser um modo visual afeito aos trabalhos que discutem questões de gênero e raça. Isso permite sugerir que a escolha por estéticas híbridas, imperfeitas, “pobres”, constitui-se como agenciamento de um discurso visual político. (Wanderlei, 2021, p. 40).

Corroborando com o pensamento de Ludimilla Wanderlei, Vilma Neres usa o conceito de “escrevivências” pensado e criado pela escritora Conceição Evaristo como apoio para pensar o conceito de fotoescrevivências, que tem como objetivo capturar a subjetividade individual e coletiva, tendo em foco a subjetividade de pessoas negras. Vilma Neres (2021) afirma que:

Essas fotoescrevivências são autoras e autores de uma escrita com a luz que se opõem às práticas estabelecidas historicamente e que ainda preenchem nosso imaginário social com imagens repletos de estereótipos e estigmas em prejuízo e humanidade, reduzindo-nos a seres violentos, preguiçosos, irresponsáveis, bobos, raivosos os, inconsequentes, trapaceiros, objetificados, infantilizados, animalizados, etc. (Neres, 2021)

Além disso, ela fala como a fotografia pode ser usada para denunciar e acabar com os estigmas que foram naturalizados aos corpos pretos, sendo um operador estético-político. Dessa forma, ela afirma que “Assim como as imagens têm o poder de naturalizar estigmas, a fotografia enquanto linguagem também pode contribuir para desnaturalização de condições sociais atreladas a determinados indivíduos” (Neres, 2021). Susan Sontag segue o raciocínio de Vilma Neres quando diz que a fotografia pode incriminar quanto servir de prova para contestar algo verídico

... numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina. [...] Numa outra versão de sua utilidade, o registro da câmera justifica. Uma

foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem.(Sontag, 1997)

No contexto desta pesquisa vamos usar a fotografia como elemento principal para contar uma história, uma história sobre corpos negros que não performam a heteronormatividade com uma estética alternativa e experimental. Indo além da técnica fotográfica, carregando intencionalidades e significados trazendo novos olhares para esses corpos, um olhar que não estereotipa e nem reduz esse corpo a tais características. Eu, enquanto pesquisador negro e que não segue a heteronormatividade, ao abordar essa escrita, não estou contando apenas a minha história, mas sim, as histórias daqueles que vieram antes de mim e o que poderão vir após a mim.

enquanto pensava na escrita desse trabalho resolvi me colocar na escrita para além da pessoa que escreve [...] pensava em como a escrevivência poderia caminhar paralelo aos meus trabalhos audiovisuais e processos criativos [...] minha escrita nunca foi solitária e perpassa aquilo que conhecemos tradicionalmente como literatura, já que a fotografia é a escrita com luz e aqui escrevemos visualmente símbolos e sentidos traduzidos em tela. (Barbosa, *et al* Simões, *et al* Paixão, 2024).

Quando me coloco na produção desse ensaio, estou produzindo uma história que não é só minha, mas nossa. Buscando romper o que está no imaginário do que é aceito, pensado e falado quando se trata de fotografia. Um dos objetivos deste ensaio fazer uma revisão bibliográfica de pesquisas que tragam a fotografia nesse lugar de ativismo e valorização das questões raciais, de gênero e de sexualidade para que não caiamos mais no perigo de uma história única (Adichie, 2019) e de reproduzirmos os estigmas e preconceitos associados à pessoas racializadas dentro dos ensaios fotograficos, porque esses espaços de destaque são constantemente negado às pessoas negras, em uma exclusão que defende a ideia de que elas não pertencem aos espaços de arte e cultura, especialmente quando a sociedade tenta definir quais vidas merecem ser protegidas e quais devem ser descartadas, porque segundo Mbembe, em *Necropolítica* (2018) “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado.” (Mbembe, 2018, p.16) mostrando que existem corpos escolhidos para sofrerem violências. Desse modo, proponho seguir a

escrivência enquanto metodologia norteadora onde a possibilidade de (re) montar memórias e imaginários a partir de fotografias seja possível.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 64 p.

BARBOSA, H. C, SIMÕES, M. C. G. PAIXÃO, A. S. **CURAdorias afetivas nas travessias afro-diaspóricas – (Desen)moldurar memórias, (Des)ver mundos e Escrever (re)montagens de si¹**. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024184533667f2efd03a75.pdf>. Acesso em: 03 de dez, 2024.

Barbosa, H. C. (2016). **A experiência estética e as visibilidades de gêneros**. Revista Periódicus, 1(6), 110–124. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i6.20556>. Acesso em: 02 de dez, 2024.

BARROS, P. E.; BARRETO, R. M. **Corpo negro e pornografia. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 12, n. 19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/16361>. Acesso em: 25 nov. 2024.

COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador, EDUFBA, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder**. São Paulo: N-1 Edições, 2018, 71 p.

NERES, Vilma. **A escrita com a luz das fotoescrivências**. Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kA8rEAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-PT&pg=PT7#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 7 de nov, 2024.

PEREIRA, P. P. G.. **A teoria queer e a reinvenção do corpo**. Cadernos Pagu. Campinas, n. Sá Camila Vieira Vilarim de. **Fotografia alternativa: experimentos e práticas artísticas com a captura e impressão de imagens / Camila Vieira Vilarim de Sá**. - Porto Velho, 2023

SILVA, Sérgio Gomes da. **A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista**¹, 2006 118-131

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia de Letras. 1983

WANDERLEI, C. L. **Ruído e fotografia experimental: estéticas irregulares para discursos políticos**. Esferas, ano 11, vol. 3, nº 22, setembro-dezembro de 2021